

REFLETINDO SOBRE A ESCRITA NA EaD: APONTAMENTOS A PARTIR DA LEITURA DE UMA OBRA AUDIOVISUAL E OBSERVAÇÃO ESCOLAR*

Wallace Alves Cabral¹; Nielsen de Moura¹

¹Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO: A forma de comunicação nos cursos a distância é predominante mediado pela escrita. Se pensarmos nos cursos de formação de professores de Química, o modelo privilegiado é o relatório técnico. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo possibilitar a escrita em um formato que se afasta desse modelo de escrita, permitindo (re)pensar o ambiente escolar a partir de um documentário e observações vivenciadas durante uma disciplina de Estágio. A partir da leitura do audiovisual *Escolarizando o mundo*, os estudantes foram solicitados a produzir um texto de própria autoria buscando relações intertextuais entre as observações escolares e suas histórias de leituras. Apesar de ser um trabalho ainda em desenvolvimento, os resultados nos deram indícios de que os estagiários puderam dar vida aos seus pensamentos e ideias, articulando a experiência do documentário com a realidade vivenciada no âmbito do estágio e com suas leituras, contrapondo ao modelo de escrita técnica que é realizado frequentemente durante o curso.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, EaD, Formação de professores, Química.

1 A ESCRITA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A respeito da presença da EaD como ferramenta de ensino, Belloni (1999) elucida:

A EaD tende doravante a se tornar cada vez mais um elemento regular dos sistemas educativos, necessário não apenas para atender as demandas e/ou a grupos específicos, mas assumindo funções de crescente importância, especialmente no ensino pós-secundário, ou seja, na educação da população adulta, o que inclui o ensino superior regular e toda a grande e variada demanda de formação contínua gerada pela obsolescência acelerada da tecnologia e do conhecimento. (BELLONI, 1999, p. 5)

Nesse sentido, é perceptível e inegável que a EaD, nos dias atuais, vem desenvolvendo o papel de suma importância nas políticas públicas educacionais, trazendo esta modalidade de ensino para o foco intenso de reflexões e pesquisa. Para Moran (2009) a qualidade da EaD não pode ser medida pelo interesse econômico e nem quantitativo de estudantes matriculados nessa modalidade. O autor afirma que os atributos dessa modalidade devem ser pautados “[...] pela seriedade e coerência do projeto pedagógico, pela qualidade dos gestores, educadores mediadores e, também, pelo envolvimento do aluno” (MORAN, 2009, p. 286).

Sabemos que na Educação a distância (EaD) as interações são predominantes mediadas pela leitura e escrita, exigindo habilidades na participação de fóruns, chats, correio eletrônico, envio de relatórios e outras atividades (NOGUEIRA, 2010). Segundo Stival *et al.* (2011) e Cabral (2015), se pensarmos no modelo de escrita predominante nos cursos de licenciatura em Química (seja no curso presencial ou EaD), percebemos que é recorrente a produção de relatórios técnicos, como práticas de escrita na formação inicial. Acreditamos que o relatório, enquanto forma de escrita, não deve ser negado ao estudante, nem crucificado. Trata-se de uma experiência para o sujeito que escreve. Apenas não pode ser a única, nem privilegiada em

relação a outras formas de expressão escrita, como ocorre normalmente nos cursos de formação de professores de Química. Dessa forma, concordamos que “[...] outros aspectos podem ser trabalhados tanto com a leitura quanto com a escrita, tais como as contribuições do ensino de Ciências na formação do leitor/autor” (CASSIANI e ALMEIDA, 2005, p. 365).

Cabral, Flôr e Moura (2013) e Freitas *et al.* (2009) discutem a linguagem no âmbito da EaD. Os primeiros autores buscam compreender os sentidos atribuídos à escrita por licenciandos em Química e como o curso pode influenciar em seus hábitos de escrita. Já as autoras seguintes, vinculadas a um Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental à época, argumentam sobre o potencial da escrita na modalidade distância. A respeito da temática de que tratam, Freitas *et al.* (2009) chamam a atenção para o questionamento de como

[...] a formação de professores, das diferentes licenciaturas, tem trabalhado a leitura e a escrita em sala de aula? A vivência das autoras em cursos de Licenciatura, se não chega a ser suficiente para generalizar, pode ser indício de que os alunos, futuros professores, pouco escrevem de mão própria. Estão mais acostumados à cópia, e quando solicitados a escrever têm muita dificuldade (FREITAS *et al.* 2009, p. 3).

Nesse sentido, Cabral, Flôr e Moura (2013) reforçam o argumento das autoras pelo

[...] fato dos estudantes não terem o hábito e/ou não serem solicitados a escrever sobre suas ideias, pensamentos, impressões e críticas é muito comum nos cursos de graduação em ciências naturais. Isso fortalece, a nosso ver, a visão que muitos professores que atuam no Ensino Médio na área têm de que atividades que incluam ler e escrever só têm a ver com a disciplina de língua portuguesa, já que em sua formação como professores essas atividades não foram abordadas (CABRAL; FLÔR; MOURA, 2013, p. 2).

Diante do exposto, é notório que trabalhar as diversas formas de escrita e leitura na formação inicial e continuada de professores podem trazer reflexões pertinentes dos atuais papéis desempenhados por estes profissionais, no âmbito das linguagens, para a Educação Básica.

Neste contexto, está pesquisa tem por objetivo possibilitar a escrita em um formato que se afasta da produção de relatórios, permitindo (re)pensar o ambiente escolar a partir de um documentário e observações vivenciadas durante a disciplina de Estágio e Análise da Prática Pedagógica I. Pensando nisso, ancoramos nossas atividades de reflexão a respeito da escrita sob a forma de relatos, que se configuram como um documento pessoal, na qual são abordados assuntos relevantes sobre o trabalho ou observação que está sendo feito. Gonçalves *et al.* (2008) afirma que os relatos nos cursos de licenciatura proporcionam a reflexão pela escrita com intuito de favorecer aprendizagens sobre ser professor. Somando a isso, Colello (2012, p.27) destaca que o estudante que é produtor de textos tem o desafio da produção da escrita e, ao mesmo tempo, a satisfação de poder dar vida aos seus pensamentos, as suas ideias e fantasias. Geraldi (1996) ressalta que essa relação “autor-escrita” permite aventurar-se na língua, em projetos pessoais/coletivos de pesquisa, reflexão, aprendizagem e, certamente, reorganização do universo simbólico que permeia a atividade.

Apresentamos aqui um enfoque de um estudo mais amplo ainda em desenvolvimento, inserido no âmbito do projeto “*MOVIMENTOS DE ESCRITA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: Um olhar para as práticas e hábitos de escrita na formação docente do curso de licenciatura em Química - Modalidade a Distância – UFJF*”.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

Aproveitando o fato de que os autores desta pesquisa trabalham no campo da EaD, foram propostas várias atividades de escrita no primeiro semestre letivo de 2015 na disciplina de Estágio e Análise da Prática Pedagógica I, para os estudantes do curso de licenciatura em Química a Distância da Universidade Federal de Juiz de Fora. Como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 1 - atividades desenvolvidas.

DISCIPLINA	ATIVIDADES PROPOSTAS
Estágio e Análise da Prática Pedagógica I	Produção textual em fórum de discussão
	Produção textual a partir da leitura de uma obra audiovisual
	Produção textual no formato de relatos
	Produção textual a partir de diários de bordo
	Produção textual do gênero poesia a partir de uma música

Fonte: elaborado pelos autores.

Para este trabalho iremos focar em uma única atividade - *a produção textual a partir da leitura de uma obra audiovisual* - com intuito de nos adequarmos ao espaço disponível para o evento em questão. A atividade a seguir descrita foi dividida em cinco momentos:

- 1º momento: Foi solicitado aos estudantes que assistissem ao documentário “*Escolarizando o mundo – o último fardo do homem branco*”.

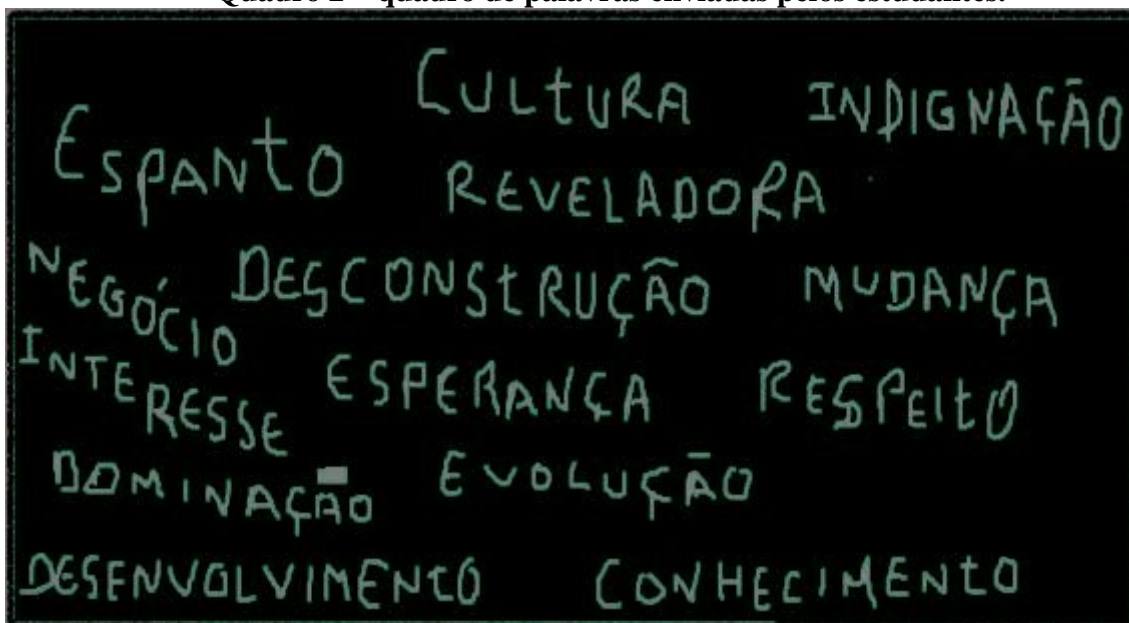
O filme discute a outra face da educação nos tempos atuais, ou seja, a não valorização e apagamento das diversidades culturais e locais em prol da supervalorização do modelo de vida ocidental capitalista.

- 2º momento: Após assistirem ao documentário, foi solicitado que cada estudante enviasse uma palavra por e-mail, para o tutor a distância, que sintetizasse seus anseios, inquietações e sentimentos em relação à produção audiovisual.

Dos 23 estudantes matriculados, 15 encaminharam suas palavras, na qual foi elaborado um quadro pelo tutor.

- 3º momento: O quadro elaborado pelo tutor a distância foi produzido levando em consideração a frequência das palavras enviadas e disponibilizado *moodle*, no ambiente virtual de aprendizagem da disciplina de Estágio e Análise da Prática Pedagógica I, como pode ser observado:

Quadro 2 – quadro de palavras enviadas pelos estudantes.



Fonte: elaborado pelos autores.

- 4º momento: Diante deste quadro, foi indicada uma produção textual que englobasse pelo menos quatro palavras, buscando o diálogo entre essas, a produção audiovisual e o contexto escolar observado durante o estágio.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar deste trabalho ser um enfoque de um projeto ainda em andamento, algumas considerações podem ser apontadas. A partir da leitura dos textos enviados pelos estudantes, percebemos que os sentimentos produzidos ao assistir o documentário, aliado às observações do cotidiano escolar, possibilitaram reflexões pertinentes sobre o ambiente escolar. Vejamos um exemplo na fala do estudante E1:

A obtenção de conhecimento é uma jornada difícil, pois requer interesse de toda a equipe escolar, desde o diretor da escola até os pais dos alunos, infelizmente para alguns a escola é apenas um negócio lucrativo, onde, ou se toma proveito dos recursos escolares, ou apenas se vai para ganhar o salário mensal, sem preocupações sobre o desenvolvimento dos alunos ou da comunidade, pois a escola deveria servir de espaço sócio cultural da comunidade, mas para que isso ocorra, deveria haver uma parceria de respeito entre comunidade e a escola. Somente assim conseguiríamos perceber a evolução tanto da comunidade quanto da escola, e isso iria refletir até mesmo nos alunos, que percebendo esses atos de entrosamento entre o seu mundo e sua escola, começariam a ter esperança, em seu futuro como cidadão (E1).

Além disso, a escrita em um formato mais livre, permitiu aos estagiários expressarem suas opiniões dialogando com suas leituras, marcando relações intertextuais (ORLANDI, 2012) nesses textos. Podemos perceber estas marcas de intertextualidades na fala da estudante E2:

Uma vez que a educação é capaz de mudar e transformar a vida das pessoas, contribuindo para que o indivíduo seja mais solidário, crítico, consciente e participativo, a aquisição do conhecimento está intimamente relacionada ao processo de desenvolvimento e evolução cultural, político e social. Como descreve Paulo Freire “Educação não muda o mundo Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (E2).

Na produção textual, os estudantes puderam dar vida aos seus pensamentos e ideias, articulando a experiência do documentário com a realidade vivenciada no âmbito do estágio, contrapondo ao modelo de escrita técnico que é realizado frequentemente durante o curso. Essa relação “autor-escrita”, como ponderou Geraldi (1996), permite aventurar-se na língua, em projetos pessoais/coletivos de pesquisa, reflexão, aprendizagem e, certamente, reorganização do universo simbólico que permeia a atividade.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

CABRAL, W. A. de. *Movimentos de leitura e escrita na disciplina de Estágio Supervisionado em Química na UFJF*. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, 2015.

CABRAL, Wallace Alves; FLÔR, Cristhiane Cunha; MOURA, Nielsen. *Sentidos atribuídos à escrita por Licenciandos em Química na modalidade à Distância*. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, IX, 2013, Águas de Lindoia. **Atas eletrônicas ...** Águas de Lindoia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0950-1.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

CASSIANI, S; ALMEIDA, M. J. P. M. Escrita no ensino de Ciências: autores do ensino fundamental. *Ciência & Educação*. Bauru, v.11, n.3, p.367-382, 2005.

COLELLO, S. M. *A escola que (não) ensina a escrever*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

GONÇALVES, F. P. et al. O diário de aula coletivo no Estágio da licenciatura em Química: dilemas e seus enfrentamentos. *Química nova na Escola*. São Paulo. n. 30, p.42-48, 2008.

GERALDI, J. W. *Linguagem e Ensino - exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MORAN, José Manuel. Aperfeiçoando os modelos de EAD existentes na formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 286-290, set./dez. 2009.

NOGUEIRA, V. S. *A linguagem escrita na educação à distância: possibilidades de comunicação e constituição do sujeito/aluno*. In: Anais do XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Belo Horizonte, 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, Pontes Editores, 2012.

STIVAL, M. C. E. E; SANTOS, J. G; WITHER, S. W. Formação de professores para EaD no Brasil: Análise dos relatórios de Estágio Supervisionado. 25º SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2011, São Paulo. – 2º Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação. *Anais eletrônicos...* São Paulo: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/posters/0096.pdf>. Acesso em: 5 Fev. 2015.